PROJEÇÕES *macroeconômicas* 2001

ELENA SOIHET (soihet@fgv.br)
com colaboração de
PEDRO QUARESMA (quaresma@fgv.br)

	Otimista	*Moderado*	*Conservador*
IGP-DI (%)	4,7	5,2	5,7
IPCA (%)	4,1	4,4	4,7
Variação do PIB (%)	4,2	4,0	3,8
Taxa Selic (média)	14,7	15,2	15,7
Taxa Selic (dezembro)	13,9	14,2	14,5
Taxa de câmbio – dezembro (R$/US$)	1,98	2,0	2,04
Exportações – jan.-dez. 2000 (US$ bilhões)	60,3	59,9	59,6
Importações – jan.-dez. 2000 (US$ bilhões)	59,5	59,8	60,2
Saldo da balança comercial (US$ bilhões)	0,8	0,1	-0,6
Taxa de desemprego (IBGE)	6,8	7,0	7,2
Déficit em conta corrente (US$ bilhões)	25,8	26,7	27,6
Déficit em transações correntes (% do PIB)	4,1	4,3	4,5
Superávit primário do setor público (% do PIB)	3,1	3,0	2,9
Déficit nominal do setor público (% do PIB)	3,1	3,6	4,1
Reservas internacionais líquidas (US$ bilhões)	31,7	30,7	29,7
Investimento direto (US$ bilhões)	24,3	23,6	22,9

Pesquisa realizada junto a 11 instituições financeiras entre os dias 13 e 18 de dezembro de 2000.

Projeções otimistas para crescimento, porém pessimistas em relação ao setor externo

As projeções obtidas em dezembro para a macroeconomia brasileira em 2001 sugerem acima de tudo que há um consenso geral de que a economia se reativará, com o PIB crescendo no mínimo 3,8%. No entanto a recuperação da economia não implicará necessariamente em redução substancial da taxa de desemprego, cuja projeção está 7%, confirmando o caráter cada vez mais estrutural dessa variável.

Quanto à inflação, o IPCA que é o índice indicativo de inflação do Governo junto ao FMI, mostrou que as instituições financeiras acreditam no cumprimento das metas em 2001. Como reflexo da inflação estabilizada, os juros sofrerão uma queda gradual com a Selic apresentando uma média no ano de 15,2% e em dezembro de 14,2%. Em relação às contas públicas, as variáveis fiscais indicam um bom desempenho, consolidando o programa de ajuste fiscal.

No entanto, novamente a vulnerabilidade do cenário internacional é refletida principalmente nas variáveis externas. O câmbio projetado para dezembro de 2001, que ao final da última pesquisa apontava para R$1,97, sofreu um aumento para R$2,01, levando em consideração o cenário moderado. Esse aumento ainda é reflexo da crise do Oriente Médio e dos efeitos da crise na Argentina.

Já o saldo da balança comercial continua ser a variável mais oscilante. No início da pesquisa em 2000, as projeções de saldo para 2001 apontavam para um superávit de US$5,6 bilhões, na pesquisa de novembro/2000 o superávit passou para US$900 milhões e na atual o superávit aponta para US$100 milhões, refletindo a desconfiança do mercado com relação ao sucesso de nossos saldos comerciais. O superávit da balança comercial não deveria ser uma meta fixada pelo governo, pois ele depende de variáveis externas fora do controle da política econômica, tais como melhoria da cotação do euro, queda dos preços do petróleo e preços das *commodities* no mercado internacional.

Para finalizar, em 2001 está previsto uma entrada de investimento direto de US$23,6 bilhões e um déficit em conta corrente de US$26,7 bilhões, ou seja, o investimento direto deverá financiar cerca de 88% do déficit. Quanto ao restante, o Brasil precisará financiar-se com entrada de fluxo de capital via empréstimos e/ou portfólio. Nesse caso o ambiente econômico internacional será variável fundamental para entrada desses fluxos.

PROJEÇÕES P/ 2001 – inflação	Jan./01	Fev./01
IGP-DI (%)	**0,70**	**0,20**
IPCA (%)	**0,50**	**0,30**